

# Orientação pragmática da sintaxe na fala espontânea: uma análise *corpus-based* da subordinação completiva e adverbial no português do Brasil

Pragmatic orientation of syntax in spontaneous speech: a corpus-based analysis of complement and adverbial clauses in Brazilian Portuguese

Giulia Bossaglia\*

**RESUMO:** Neste artigo apresenta-se uma análise da sintaxe da fala espontânea do português brasileiro, com base na *Language into Act Theory* (L-AcT; CRESTI, 2000). Esta teoria *corpus-driven* é uma extensão da Teoria dos Atos de Fala de Austin (1962) que estuda a diamesia falada com ênfase em sua dimensão prosódica e individualiza a unidade de referência da fala no enunciado, a menor unidade linguística pragmaticamente autônoma em virtude de sua força ilocucionária, isto é, correspondente a um ato de fala. A sintaxe, neste paradigma, é concebida de forma inovadora, pois a orientação pragmática da fala faz com que relações de dependência sintática tradicionais sejam frequentemente alteradas na interface com a articulação informacional. Com base em um *minicorpus* retirado do corpus C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012) e etiquetado informacionalmente, a análise da subordinação completiva e adverbial do PB falado levou a observar vários fenômenos de interface entre sintaxe e articulação informacional, relacionados com a forte orientação pragmática da fala, nomeadamente: (i) a inversão das hierarquias de dependência sintática tradicionais; (ii) fenômenos de insubordinação (EVANS, 2007), ou seja, estruturas formalmente dependentes do ponto de vista sintático, mas funcionando como unidades autônomas do ponto de vista pragmático em virtude da força ilocucionária que podem veicular na fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** Language into Act Theory. Interface sintaxe/articulação

**ABSTRACT:** In this paper the syntax of spoken Brazilian Portuguese is analysed within the paradigm of Language into Act Theory (L-AcT; CRESTI, 2000). This corpus-driven theory is an extension of Speech Act Theory (AUSTIN, 1962) that studies speech with emphasis in its prosodic dimension. L-AcT assumes that the unit of reference of speech is the utterance, conceived as the shorter linguistic unit carrying pragmatic autonomy, i.e. illocutionary force, therefore corresponding to a speech act. Within this paradigm, syntax is understood in an innovative way, since the pragmatic orientation of speech makes the traditional dependency hierarchies change in the interface with informational patterning. The analysis of complement and adverbial clauses in an informationally annotated subcorpus of spoken Brazilian Portuguese C-ORAL-BRASIL corpus (RASO; MELLO, 2012) lead to the observation of different linguistic phenomena at the syntax-informational patterning interface, due to the pragmatic orientation of speech, namely: (i) the reversion of traditional dependency hierarchies; (ii) several phenomena of insubordination (EVANS, 2007), i.e., dependent syntactic structures behaving as independent by virtue of the illocutionary force/pragmatic autonomy they can carry in speech.

**KEYWORDS:** Language into Act Theory. Syntax/informational patterning interface.

\* Pós-doutoranda em Linguística no Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem, UFMG; bolsista FAPEMIG, processo nº 22568.

## 1. Enquadramento teórico: a *Language into Act Theory*

Este trabalho fundamenta-se na *Language into Act Theory* (L-AcT; CRESTI, 2000; MONEGLIA, RASO, 2014), uma extensão da Teoria dos Atos de Fala de Austin (1962) que estuda a fala espontânea de uma perspectiva inovadora: além de ser uma teoria *corpus-driven*, caracterizada por uma sólida verificação empírica com base nos *corpora* de fala do LABLITA – *Laboratorio di Linguistica dell'Università di Firenze* (MONEGLIA, 2005), a L-AcT considera fundamental a análise da dimensão prosódica da fala. Durante muito tempo, de fato, esta diamesia tem sido estudada apenas a partir de transcrições, ou seja, com base em categorias mais adequadas ao estudo da língua escrita.

De fato, com base em critérios prosódicos, a L-AcT individualiza a unidade de referência da fala no enunciado, e não na cláusula (HALLIDAY, 1989; MILLER; WEINERT, 1998), ou na predicação com núcleo verbal (VOGHERA, 1992), ou na sentença (CHAFE; DANIELEWICZ, 1987; CHAFE, 1988). O enunciado é entendido como a menor unidade linguística (ato locucionário: AUSTIN, 1962) dotada de autonomia pragmática, isto é, força ilocucionária (ato ilocucionário: *ibidem*). Ressalta-se que a autonomia pragmática do enunciado, assim como entendido na L-AcT, é sempre veiculada prosodicamente, pois qualquer conteúdo locutivo pode ser interpretado como ato de fala, ou seja, pragmaticamente autônomo, em virtude de específicos perfis prosódicos, como se mostra nos exemplos [1]-[3], extraídos do C-ORAL-BRASIL:<sup>1</sup>

[1] \*HEL: e assim //



[2] \*CEL: pra todo mundo //



[3] \*KAT: ahn //

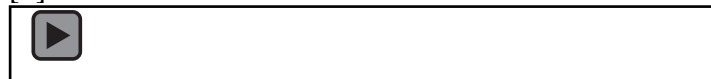


---

<sup>1</sup>Devido à importância da possibilidade de ter acesso ao áudio de cada exemplo, disponibilizam-se os arquivos de som de cada um deles. As siglas precedidas por asterisco correspondem às abreviaturas dos nomes dos falantes utilizadas no *corpus*.

Em [1]-[3], um advérbio, um sintagma preposicional e uma interjeição, elementos sintaticamente não completos, funcionam como unidades pragmaticamente autônomas, ou seja, atos de fala, graças a seu perfil prosódico. Pelo contrário, escutando a frase em [4], observa-se que não se trata de uma unidade pragmaticamente autônoma:

[4] \*JOR: não tem interesse /



A frase em [4], de fato, constitui parte do enunciado maior (é a unidade de Tópico, veja *infra*), reportado em [5], do qual apenas a segunda unidade *porque tudo mundo se defende* é interpretável como pragmaticamente autônoma, porque carrega o núcleo prosódico da ilocução (é a unidade de Comentário, v. *infra*):

[5] \*JOR: não tem interesse /=TOP= porque tudo mundo se defende  
//=COM=

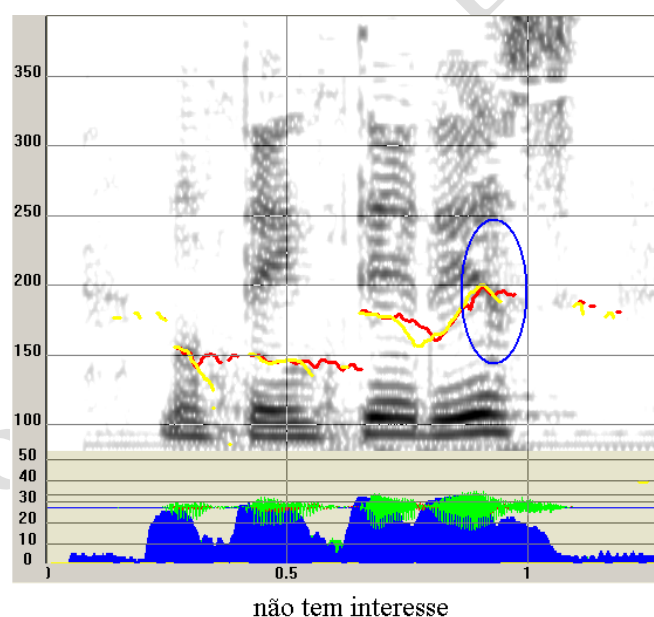


Figura 1. Curva prosódica de TOP de tipo 1

A frase em [4] apresenta um dos quatro possíveis perfis prosódicos de Tópico, nomeadamente o que Mittmann (2012, p. 214) chama de “Tipo 1”: ele se caracteriza por apresentar subida de  $f_0$  na última sílaba tônica, com uma posterior descida na própria tônica ou na pós-tônica. Na Figura 1 acima o círculo evidencia este movimento ascendente-descendente de  $f_0$  próprio desta tipologia de TOP.

A prosódia, portanto, não serve apenas para conferir autonomia pragmática ao conteúdo locutivo, mas também para segmentar o fluxo da fala: cada enunciado, no corpus, é segmentado com base em quebras percebidas como conclusivas (quebras terminais, “//” na transcrição), enquanto quebras percebidas como não conclusivas (quebras não terminais, “/”) delimitam unidades tonais internas a ele (cf. a noção de “*period*” e “*comma intonation*” em CHAFE, 1984, 1988; COUPER-KUHLEN, 1996).<sup>2</sup> São chamados enunciados *simples* aqueles que são formados apenas por uma unidade (cf. [1]-[3]), que é necessariamente aquela de Comentário (COM), pois é a que carrega a ilocução sem a qual não se daria sua autonomia pragmática; enunciados compostos pelo COM e uma ou mais unidades são chamados de *complexos* (cf. [5]).

Além disso, de acordo com o modelo da fonologia perceptual *IPO* – *Institute for Perceptual Research* da Universidade de Eindhoven (T’HART; COLLIER; COHEN, 1990), a L-AcT assume que a  $f_0$  (frequência fundamental) do enunciado possui uma série de movimentos dentro das unidades, involuntários (devidos a fatores micromelódicos contextuais) e voluntários. Estes últimos têm saliência perceptual e carregam específicos valores informacionais. A teoria do grupo IPO foi, portanto, implementada na Teoria da Padronização da Informação (*Information Patterning Theory*: CRESTI, 1994; MONEGLIA; CRESTI, 2006; CRESTI; MONEGLIA, 2010; MELLO; PANUNZI; RASO, 2011), segundo a qual as unidades tonais carregam unidades informacionais, caracterizadas por perfis prosódicos, posição com relação ao COM e funções próprias. Os perfis prosódicos individualizados pelo modelo IPO são:

- *root*: define o tipo de ilocução e identifica apenas a unidade de COM;
- *prefix*: precede unidades de tipo *root* e é típico do TOP (em PB foram individualizados quatro diferentes formas do perfil de TOP: MITTMANN, 2012, cf. Figura 1 acima);
- *suffix*: segue unidades de tipo *root*, e é típico da unidade de Apêndice de COM (veja Quadro 1 abaixo para a explicação das funções das unidades informacionais individualizadas pela L-AcT);

---

<sup>2</sup> A transcrição das sessões gravadas que compõem o corpus C-ORAL-BRASIL e a anotação de sua segmentação prosódica foram efetuadas por um time de transcritores e segmentadores treinados. A anotação da segmentação prosódica passou por validação estatística interna, através do teste Kappa. Veja Mello et al. (2012) para os detalhes.

- *postfix*: pode preceder ou seguir unidades de tipo *root*, mas não pode ocorrer em posição inicial de enunciado (é o perfil da unidade de Parentético).

No Quadro 1 abaixo apresentam-se as unidades informacionais individualizadas pela L-AcT:

Quadro 1 – Unidades informacionais segundo a L-AcT

	<b>Tipo</b>	<b>Tag</b>	<b>Função</b>
<b>Unidades Textuais</b>	Comentário	COM	Veicula a força ilocucionária do enunciado.
	Tópico	TOP	Define o âmbito de aplicação da força ilocucionária veiculada pelo COM.
	Apêndice de Comentário	APC	Integra textualmente a unidade de COM e conclui o enunciado.
	Apêndice de Tópico	APT	Fornece integração textual à informação contida na unidade de TOP.
	Parentético	PAR	Dá instruções sobre como deve ser interpretado o enunciado ou parte dele.
	Introdutor Locutivo	INT	Sinaliza que o que segue tem nível hierárquico diferente daquele da enunciação (geralmente, é uma meta-ilocução).
<b>Unidades Dialógicas</b>	Alocutivo	ALL	Individualiza o interlocutor, marca coesão social.
	Incipitário	INP	Sinaliza o começo do turno ou do enunciado.
	Expressivo	EXP	Fornece suporte emotivo para o ato de fala, marca coesão social.
	Conector Discursivo	DCT	Sinaliza continuidade de uma sequência com a anterior.
	Fático	PHA	Sinaliza a abertura ou a manutenção do canal comunicativo.
	Conativo	CNT	Induz o interlocutor a cumprir ou desistir de certa ação.

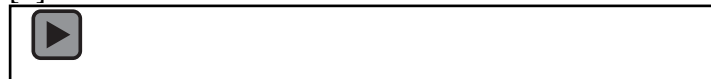
(adaptado de MONEGLIA; RASO, 2014, p. 490-491)

As unidades chamadas de *textuais* são aquelas que compõem o texto do enunciado (TOP, COM, APC/APT) ou, ainda que não o componham, são dirigidas à interpretação dele (PAR, INT); as unidades *dialógicas*, pelo contrário, têm apenas função de regular a interação (correspondem aos que tradicionalmente seriam considerados de marcadores discursivos).

Outras unidades que não de ser mencionadas são os Comentários Múltiplos (CMM), os Comentários Ligados (COB) e as unidades de Escansão (SCA). Os CMM são unidades ilocucionárias que, graças a uma determinada padronização melódica, são

interpretados holisticamente e não como enunciados separados.<sup>3</sup> A relação lógica entre eles pode ser de várias naturezas: causal, condicional, temporal, entre outros. Veja [6]:

[6] \*SIL: uns aceita /=CMM= outros não aceita //CMM



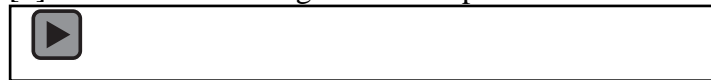
Os COB, pelo contrário, são unidades ilocucionárias justapostas umas às outras em sequência, no processo de o falante dar forma a seu pensamento. Os COB formam Estrofes (CRESTI, 2009), ou seja, sequências terminadas de dimensão muito dilatada, “macroenunciados”, que são típicas de textos monológicos, caracterizados por uma baixa acionalidade. Os COB não recebem interpretação holística, e representam ilocuções homogêneas, da mesma classe, e enfraquecidas. Veja [7]:

[7] \*JOR: e assim eu fiquei dentro dessa outra multinacional por um período /=COB= trabalhando com som automotivo /=COB= &he /=TMT=<sup>4</sup> produtos automotivos da rede de autopeça /=COB= hhh e ferramentas elétrica<sup>5</sup> //COM=



Finalmente, é necessário mencionar as unidades de SCA, ou seja, partes tonais diferentes de uma mesma unidade informacional, que devido ao tamanho do conteúdo locutivo, ou a razões expressivas ou de imperícia na fala, não pode ser realizada por meio de uma única unidade tonal. As unidades de SCA possuem perfil prosódico neutro, que não tem valor informacional, sendo que o perfil prosódico da unidade informacional que é escansionada é realizado apenas na última porção tonal. No exemplo [8] abaixo apresenta-se uma unidade de COM realizada em três unidades tonais, das quais apenas a terceira (*tema*) contém o núcleo prosódico da ilocução:

[8] \*LUZ: são duas vagas /=SCA= pro mesmo /=SCA= tema //COM=



<sup>3</sup> Isto pode acontecer também com unidades de TOP: é o caso das Listas de Tópicos (TPL), Mittmann (2012).

<sup>4</sup> O tag TMT indica a tomada de tempo (*time taking*).

<sup>5</sup> De acordo com as normas de transcrição do C-ORAL-BRASIL, vários fenômenos idiossincráticos da língua falada, como o uso do singular pelo plural, são registrados (para os detalhes: MELLO et al., 2012).

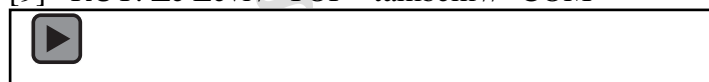
A L-AcT, portanto, conseguiu ampliar o repertório das unidades pertinentes ao estudo da fala, tradicionalmente limitadas àquelas de tópico e comentário apenas (CHAFE, 1976; HALLIDAY, 1989; KRIFKA, 2007).

A articulação do fluxo da fala em unidades informacionais representa um fator crucial na concepção da sintaxe da fala espontânea que a L-AcT sustenta.

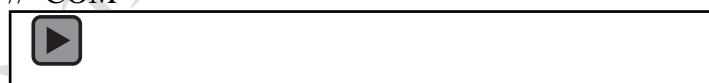
### 1.1. Sintaxe e articulação informacional na L-AcT

Conforme a L-AcT, relações de dependência sintática *stricto sensu* podem existir apenas dentro da mesma unidade informacional (na maioria dos casos, em unidades de tipo textual): as unidades informacionais, de fato, são consideradas “ilhas” sintáticas e semânticas, e o output final do enunciado resulta da *combinação* dos vários elementos linguísticos que o podem compor, sejam estas frases, sintagmas, ou até fragmentos (SCARANO, 2003; CRESTI, 2000; BLANCHE-BENVENISTE, 2000, 2003; CRESTI; MONEGLIA, 2010; CRESTI, 2014). A noção de combinação opõe-se àquela de composicionalidade sintática, e de fato a relação entre as “ilhas” é sempre de tipo informacional, ou seja, é orientada pragmaticamente, já não sintaticamente (CRESTI, 2014). Veja-se [9] - [11]:

[9] \*RUT: Zê Levi /=TOP= também //=COM=



[10] \*PAU: esse tipo de muro /=TOP= se ficar baixo demais ele fica feio  
//=COM=



[11] \*LUZ: porque eu acho que no mesmo concurso /=TOP= cê nã pode fazer  
duas //=COM=



Os enunciados complexos reportados acima apresentam o padrão informacional TOP/COM, o principal da fala (CRESTI, 2003; CRESTI; MONEGLIA, 2010; MITTMANN, 2012). Pode-se observar que a relação entre as duas unidades informacionais não deve necessariamente ser de natureza sintática: em [9] não é necessário que haja predicação verbal; o sintagma nominal na unidade de TOP em [10]



não pode ser analisado como sujeito sintático do predicado em COM, sendo que este papel já está sendo preenchido pelo pronome *ele*. Em [11] o *verbum putandi*, tradicionalmente analisado como núcleo da regência, está, de um ponto de vista pragmático, “subordinado” ao verbo da completiva, pois tem função de fornecer informação de *background* para a ilocução do COM, no qual pelo contrário é realizado o predicado da completiva (cf. o conceito de *overriding* das completivas com relação à oração principal, quando, na fala, a oração principal é utilizada apenas para apresentar a *stance* do falante, THOMPSON, 2002, p. 134).

A relação entre as duas unidades de TOP e COM, portanto, é de tipo informacional, já não sintático, e é veiculada prosodicamente: o perfil prosódico da unidade de TOP tem função de definir o campo de aplicação da ilocução veiculada pelo COM, e as duas unidades combinam-se por meio desta relação de *aboutness* pragmática.

Voltando, então, a como a sintaxe é entendida dentro do paradigma da L-AcT, a partir da concepção da unidade informacional como “ilha”, distingue-se entre:

(1) sintaxe *linearizada*: estruturas de subordinação e coordenação próprias, realizadas dentro da mesma unidade informacional (cf. o período hipotético realizado na unidade de COM em [10]);

(2) sintaxe *padronizada*: estruturas de subordinação e coordenação realizadas ao longo de mais do que uma unidade informacional, e que, portanto, guardam entre si uma relação de tipo informacional, já não propriamente sintático (cf. oração completiva em [11]).<sup>6</sup>

Nossa análise da sintaxe das orações completivas e adverbiais na fala espontânea do PB considerou, portanto, sua interface com a articulação informacional, visando aprofundar os fenômenos linguísticos relacionados com a forte orientação pragmática desta diamesia.

---

<sup>6</sup> Cf. a distinção entre *integrated* e *fragmented/unintegrated syntax* (MILLER; WEINERT, 1988), e *micro-* e *macro-syntaxe* (BLANCHE-BENVENISTE, 2000, 2003).



## 2. Orientação pragmática da sintaxe do PB falado

Este trabalho sobre sintaxe do PB falado teve como objeto de estudo as orações completivas e adverbiais explícitas. Como nosso objetivo foi estudar a interface sintaxe/articulação informacional, a análise foi feita em um *minicorpus* do C-ORAL-BRASIL anotado informacionalmente, disponível online na plataforma DB-IPIC (*Database for Information Pattern Interlinguistic Comparison*: <http://lablita.dit.unifi.it/app/dbipic/index.php>).

### 2.1. Metodologia

#### 2.1.1 O *minicorpus* de PB falado na plataforma DB-IPIC

A plataforma de busca online DB-IPIC, desenvolvida pelo LABLITA, disponibiliza a seção Informal do *corpus* de italiano falado C-ORAL-ROM, um *minicorpus* de italiano retirado dele, e o *minicorpus* de PB falado que foi a base deste trabalho, extraído do C-ORAL-BRASIL (GREGORI; PANUNZI, 2011, 2012; MITTMANN; RASO, 2011; CRESTI; RASO, 2012; PANUNZI; MITTMANN, 2014).

O *corpus* C-ORAL-BRASIL, do qual foi retirado o *minicorpus* utilizado para este estudo, é um *corpus* de PB falado, baseado na diatopia mineira (principalmente Belo Horizonte e região metropolitana). O C-ORAL-BRASIL é um *corpus* perfeitamente balanceado, construído procurando uma ampla variação diafásica, assim como a diversificação dos falantes, de forma a representar a variedade situacional que caracteriza a fala espontânea (para mais detalhes sobre a construção do C-ORAL-BRASIL: RASO, 2012; sobre o *minicorpus*: PANUNZI; MITTMANN, 2014; MITTMANN; RASO, 2011; CRESTI; RASO, 2012).

Como o C-ORAL-BRASIL, o *minicorpus* inclui, além da transcrição:

1. os metadados: as informações sociolinguísticas de cada sessão gravada;
2. os arquivos de áudio e o alinhamento texto-som, feito por meio do software de análise prosódica WinPitch (MARTIN, 2004): desta forma, é possível o acesso simultâneo à transcrição, ao áudio e ao espectrograma de cada enunciado, de forma a não perder a dimensão prosódica da fala, crucial para a análise desta diamesia;
3. a anotação morfossintática, feita através do *parser* PALAVRAS (BICK, 2000; de momento o *minicorpus* de PB possui anotação morfossintática apenas no

DVD onde são reunidos todos os textos do C-ORAL-BRASIL, cf. <http://www.c-oral-brasil.org/>);

4. a etiquetagem informacional, que foi feita manualmente e diz respeito aos valores das unidades informacionais, de acordo com a L-AcT e com a Teoria da Padronização da Informação (cf. seção 1).

O *minicorpus* de PB é formado por 20 sessões gravadas (dimensões: 29.909 palavras; 5.511 sequências terminadas) escolhidas com base em um alto nível de qualidade acústica: 6 conversações (interações com mais que dois participantes: 4 de contexto privado, 2 de contexto público), 7 diálogos (interações com dois participantes: 5 privados, 2 públicos), 7 monólogos (6 privados, 1 público). Desta forma, o *minicorpus* preserva a mesma estrutura do C-ORAL-BRASIL no que diz respeito à proporção de cada tipologia interacional e dos dois tipos de contexto (familiar/privado e público), e pode ser considerado realmente representativo do *corpus* do qual foi extraído.<sup>7</sup>

### 2.1.2 Coleta e tratamento dos dados

O levantamento das orações completivas e adverbiais foi feito utilizando a interface de busca da plataforma DB-IPIC, procurando no *minicorpus* de PB as ocorrências dos complementizadores e das conjunções subordinativas adverbiais, respectivamente, pois se analisou apenas a subordinação explícita. Com relação às completivas, os dados utilizados para nossa análise foram aqueles anteriormente levantados e apresentados em Bossaglia (2014).

### 2.1.3 Complementizadores/conjunções subordinativas

Por meio da busca das ocorrências dos complementizadores pertinentes, nomeadamente, *que, se, como, porque, quando, onde* e construções interrogativas do tipo *de que que, o que que, por que que, qual que, quanto que, como que*, etc.<sup>8</sup> (cf. BOSSAGLIA, 2014 para os detalhes). Destes, *que* é o mais frequente (aproximadamente

---

<sup>7</sup> Além de ser representativo do C-ORAL-BRASIL, o *minicorpus* de PB da plataforma DB-IPIC é também perfeitamente comparável com o *minicorpus* de italiano, e ainda com um *minicorpus* de inglês americano, extraído do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (DU BOIS et al., 2000-2005) que em breve integrará a plataforma, de forma a ampliar ulteriormente a base para a comparação interlinguística (RAMOS; CAVALCANTE, em preparação).

<sup>8</sup> Esta é a transcrição utilizada para as correspondentes formas *que é que, o que é que, quando é que*, etc. quando o verbo *é* não é pronunciado pelo falante (MELLO et al., 2012, p. 143).

83% sobre o total dos enunciados), seguido por *se* (11%); os outros complementizadores formam, no seu conjunto, o restante 6%, o qual mostra a forte redução dos *types* de complementizadores na fala.

Foram levantados 211 enunciados contendo orações completivas explícitas (subjativas, objetivas e interrogativas indiretas), correspondendo a aproximadamente a 4% do total dos enunciados do *minicorpus*.

As conjunções que introduzem subordinadas adverbiais no *minicorpus* foram, em um primeiro momento, mapeadas a partir dos textos anotados morfossintaticamente (não é possível, de momento, aplicar o filtro *Part of Speech* à busca no *minicorpus* de PB na plataforma DB-IPIC, cf. seção 2.1.1 acima). As conjunções adverbiais no *minicorpus* são, em ordem decrescente de frequência, *porque*, *se* (condicional), *quando*, *como*, *depois que*, *enquanto que*, *igual*, *apesar que*, *se bem que*, *já que* e *caso*. Destas, *porque* (44% sobre o total dos enunciados levantados), *se* (29%), *quando* (23%) são significativamente mais frequentes do que as outras, cujas ocorrências formam o restante 4%. Aqui também se observa, portanto, uma forte redução das conjunções adverbiais na fala do PB.

Os enunciados contendo ocorrências de conjunções subordinativas com valor adverbial que foram levantados são 405, correspondendo a aproximadamente 7% sobre o total dos enunciados do *minicorpus*.

### 3. Análise dos dados

Com o intuito de analisar a interface sintaxe/pragmática na fala, à luz da distinção entre sintaxe linearizada e padronizada que a L-AcT sustenta, o primeiro fator que se considerou foi a razão entre linearização e padronização no *minicorpus* de PB.

#### 3.1 Linearização vs. padronização

Dentre os enunciados contendo orações completivas, observa-se a prevalência da linearização sobre padronização, em uma proporção de aproximadamente 83% (177 enunciados) vs. 17% (34 enunciados: BOSSAGLIA, 2014). Já no que diz respeito às orações adverbiais, a situação perfila-se diferente, pois apenas em menos de 6% dos enunciados levantados há ocorrência de orações adverbiais linearizadas, ou seja, realizadas dentro da mesma unidade informacional junto com a oração principal. As realizações mais frequentes (aproximadamente 70% sobre o total) são não-linearizadas,

nas configurações que se ilustrarão em 3.2.2 e 3.3.<sup>9</sup> Esta diferença entre a realização das orações completivas e adverbiais é interessante, em quanto do ponto de vista semântico as orações adverbiais possuem um grau muito inferior de integração com sua oração principal com relação às completivas (cf. FOLEY; VAN VALIN 1984, p. 294: “*the closer the semantic relationship, the tighter the linkage*”;<sup>10</sup> veja também GIVÓN 1980, HAIMAN, 1983, LEHMANN 1988, CRISTOFARO, 2003). As subordinadas adverbiais, de fato, são definidas como orações desempenhando função de advérbio com relação ao predicado da principal, enquanto as completivas saturam sua valência (LONGACRE; THOMPSON, 1985, KORTMANN, 1997). Noutros termos, dois eventos ou estados de coisas podem ser relacionados um com o outro de maneira que um (a oração adverbial) represente as circunstâncias em que o outro (a oração principal) acontece (CRISTOFARO, 2003, p. 155). A codificação destas circunstâncias é descrita como opcional, como demonstra o fato que a omissão da oração adverbial não afeta a gramaticalidade da oração principal (HENGEVELD, 1998). As orações adverbiais, prototipicamente, codificam eventos ou estados de coisas semanticamente independentes do evento da oração principal. Pareceria, portanto, que há certo grau de iconicidade (HAIMAN, 1983) na forma como os falantes realizam orações completivas e adverbiais: as primeiras, semanticamente mais integradas, são realizadas de preferência em configuração linearizada, isto é, junto com suas principais em uma mesma unidade informacional, já as outras, semanticamente pouco integradas, são mais frequentemente realizadas em unidades informacionais, ou enunciados, diferentes daqueles da oração principal.

## 3.2 Padrões informacionais

### 3.2.1 Orações completivas

Orações completivas padronizadas encontram-se principalmente ou em combinações de CMM ou COB, ou no padrão (INT)/TOP/COM (11 ocorrências).<sup>11</sup> Seguem os padrões INT/COM (5), COM/DCT/COM (4), e apenas uma ocorrência de PAR/PAR, uma de COM/APC, uma de TOP/INT. A relevância do padrão TOP/COM e

---

<sup>9</sup> Vários usos peculiares de algumas conjunções subordinativas que não encaixam nas configurações ilustradas em 3.2.2 e 3.3 (*porque* isolado em DCT, *como* introduzindo interrogativas diretas, entre outros) compõem o restante 24%, que não será tratado nesta sede.

<sup>10</sup> “Quanto mais próxima a relação semântica, tanto mais estreita a ligação (sintática)”.

<sup>11</sup> Para os *tags* das unidades, utilizados também como abreviaturas do nome delas, veja o Quadro 1 na seção 1.

das combinações de CMM ou COB é suportada também pelos dados sobre orações adverbiais (veja seção 3.2.2), e sobre estes dois padrões informacionais serão focadas nossas observações.

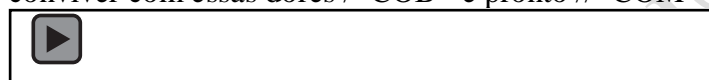
[12] \*PAU: acho que com um metro e vinte /=TOP= ela fica boa /=COM= né //PHA=



[13] \*LAU: tá vendo /=CMM= como é que mudou //CMM=



[14] \*SIL: falou que a idade é assim mesmo /=COB= que ela vai ter que conviver com essas dores /=COB= e pronto //COM=



Em [12] a completiva mantém uma relação pragmática com a principal que “ultrapassa” o nível estritamente sintático. Como já observado anteriormente, no padrão TOP/COM a oração principal em TOP assume função pragmática de definir o campo de aplicação da ilocução veiculada pelo COM (cf. Quadro 1 acima), que, pelo contrário, hospeda a completiva. No padrão TOP/COM, portanto, a organização pragmática da fala opõe-se àquela que seria considerada a hierarquia entre as duas orações num plano propriamente sintático: a oração sintaticamente dependente adquire o status de “principal” do ponto de vista *pragmático*, enquanto a oração que tradicionalmente seria considerada o núcleo da regência, realizada em TOP, serve apenas para fornecer informação de *background* para a completiva.

Nas combinações de CMM e COB, também, pode se observar a reorganização de tais hierarquias sintáticas na fala, ainda que de uma forma diferente. A relação de dependência sintática entre principal e completiva é, de fato, “ignorada” pela organização pragmático-informacional do enunciado: as duas orações estão em um mesmo nível pragmático, pois ambas são realizadas em unidades ilocucionárias, ou seja, ambas as unidades informacionais em que principal e subordinada são realizadas têm a mesma função. Em [13] os dois CMM representam duas ilocuções/ações diferentes (pedido de concordância e repetição)<sup>12</sup>, ligadas por um padrão prosódico que faz com que elas sejam

<sup>12</sup> A definição dos tipos de ilocuções é um âmbito que ainda está sendo explorado, portanto, vamos provisoriamente chamar as duas ilocuções padronizadas em [14] da forma indicada. Cerca de 90 ilocuções

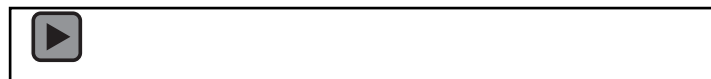
interpretadas como uma única sequência terminada. A completiva no segundo CMM possui valor ilocucionário da mesma forma como a oração principal, ficando num mesmo plano do ponto de vista pragmático.

Em [14], só no primeiro COB a completiva *que a idade é assim mesmo* é analisável como sintaticamente composicional com o *verbum dicendi* que a introduz (*falou*), mas não a segunda (*que ela vai ter que conviver com essas dores*), pois é realizada em outra ilha/unidade informacional, neste caso igualmente dotada de força ilocucionária, com a função de acrescentar informação na lista que a falante está realizando através dos COB.

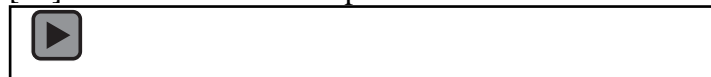
### 3.2.2 Orações adverbiais

Como referido, menos de 6% das conjunções subordinativas adverbiais ocorrem em configuração linearizada (principal e subordinada dentro da mesma unidade informacional), ou seja, introduzindo orações adverbiais próprias. Aproximadamente 40% das ocorrências não linearizadas das orações adverbiais se há em configuração padronizada, isto é, com oração principal e subordinada adverbial realizadas em unidades informacionais diferentes. Observaram-se dois principais padrões informacionais dentro dos quais são realizadas orações adverbiais. Destes, o mais frequente é TOP/COM (aproximadamente 27% sobre o total dos enunciados), com algumas variantes textualmente mais complexas (TOP/INT/COM, TOP/APT/COM). As combinações de CMM ou COB (cerca de 13% sobre o total dos enunciados levantados) representam, com relação à frequência, o segundo padrão informacional no qual são realizadas orações adverbiais.

[15] \*BEL: quando eu cheguei aqui /=TOP= todas minhas calças tinham ficado lá hhh //COM=



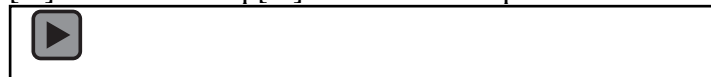
[16] \*SIL: se for vinho importado/=TOP= eu tomo //COM=



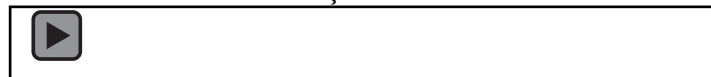
---

diferentes foram individualizadas no *corpus* C-ORAL-ROM italiano (MONEGLIA, 2011) e no C-ORAL-BRASIL (ROCHA, 2013). A L-Act divide as ilocuições em cinco classes diferentes: Representativas (Confirmação, Acordo, Citação, por exemplo), Diretivas (Ordem, Instrução, Chamamento, etc.), Expressivas (Expressão de medo, Expressão de dúvida, etc.), Rituals (Declaração de valor legal, Saudação, Agradecimento, etc.), Recusas.

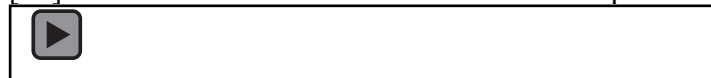
[17] \*ALO: e eu sei que ea devia /=TOP= porque /=SCA= &he /=TMT= foi [/1]=EMP= foi &q [/1]=SCA= nas véspera d' eu vim embora //COM=



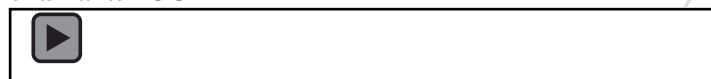
[18] \*CEL: mas cê não vai nunca adivinhar nenhuma minha /=CMM= porque eu nũ tenho a mínima noção //CMM=



[19] \*CAR: se ele nũ morrer /=CMM= nũ tem problema não //CMM=



[20] \*RUT: Nossa /=EXP= eu &co [/2]=EMP= eu adoço /=COB= se me chamar //COM=



Ressalte-se que no padrão TOP/COM a oração adverbial é sempre realizada na unidade de TOP, mas apenas no caso de orações temporais ([15]) e condicionais ([16]). De fato, pode se observar que, ainda que os planos pragmático e informacional tenham que representar, para o estudo da fala, os primeiros e os principais níveis de análise, existe certo grau de harmonia entre o valor semântico das orações adverbiais em TOP e a função informacional de tal unidade: como o valor adverbial destas orações delimita, do ponto de vista semântico (tempo, condição), o evento descrito na oração principal, da mesma forma a função informacional do TOP é aquela de definir o campo de aplicação da força ilocucionária do COM. No caso das orações de tipo causal, pelo contrário, o padrão TOP/COM é atestado apenas em um enunciado ([17]), e a oração adverbial não é realizada em TOP, mas no COM: de fato, as orações adverbiais de tipo causal, do ponto de vista semântico, são diferentes das temporais e das condicionais porque têm um escopo de tipo retrospectivo (*backward scope*, cf. COUPER-KUHLEN, 1996), portanto, não poderiam fornecer informação de *background*. Sua realização não marcada é, portanto, após a oração principal.

O mesmo não se aplica, porém, no segundo padrão individualizado: nas combinações de CMM ou COB, como já observado para as completivas, principal e dependente são realizadas em unidades igualmente ilocucionárias, e, portanto, estão num mesmo nível hierárquico, do ponto de vista *pragmático*. Neste padrão aparecem ocorrências de orações condicionais e causais apenas, não havendo atestação de



temporais. Quase a totalidade das orações temporais aparece no padrão TOP/COM, ou seja, sempre prepostas a suas principais,<sup>13</sup> como é previsível devido à informação semântica que carregam: como o TOP serve para a delimitação do campo de aplicação da ilocução, a delimitação temporal que estas orações veiculam se harmoniza com a função informacional de TOP.

No caso dos CMM, também, encontra-se harmonia entre semântica da oração adverbial e função informacional da unidade: como introduzido na seção 1, de fato, os CMM são padronizados melodicamente de forma a serem interpretados como um tudo, em virtude de uma relação lógica reconhecível entre eles que pode ser de varia natureza, nomeadamente, causal (veja [18]), condicional ([19]), entre outros. Observa-se, portanto, que os valores semânticos das orações condicionais e causais se alinham com os tipos de relação lógica que pode existir entre os CMM.

Em [20] temos, em vez, um período hipotético realizado em uma sequência de COB. Note-se que, neste caso, a prótase é realizada no segundo COB, ou seja, seguindo sua apódose. Como já referido, os COB são cadeias de unidades ilocucionárias justapostas umas às outras no processo de o falante construir seu discurso. A prótase em [20] é adicionada à apódose precisamente com esta função (cf. CHAFE, 1984 que sugere que na fala as orações condicionais pospostas tenham valor de *afterthought*; COUPER-KUHLEN, 1996 e FORD; FOX, THOMPSON, 2002 afirmam que trata-se, pelo contrário, de um *incremento* relacionado à construção do turno de fala).

Portanto, em combinações de unidades ilocucionárias pode se observar um maior grau de mobilidade na posição da oração adverbial: em [19] e [20], por exemplo, a prótase ocorre antes e depois da apódose, respectivamente, sendo que no padrão TOP/COM a adverbial (mas não se for de tipo causal, como explicamos anteriormente) é realizada consistentemente no TOP, isto é, é sempre preposta a sua principal devido à sua específica função pragmática.

A realização de orações adverbiais em padrões que envolvem unidades ilocucionárias remete ao segundo mais frequente uso que elas mostraram ter no corpus utilizado, ou seja, um uso insubordinado.

---

<sup>13</sup> Cf. Quirk et al. (1985, p. 744) que sustenta que esta seria a posição não marcada das orações temporais.

### 3.3 Fenômenos de insubordinação

A insubordinação é definida como “*the conventionalised main-clause use of what, on prima facie grounds, appear to be formally subordinate clauses*”<sup>14</sup> (EVANS, 2007, p. 367).<sup>15</sup> Fenômenos de insubordinação são atestados e têm sido estudados em muitas línguas tipologicamente diferentes (FORD; THOMPSON, 1986; STIRLING, 1998 para inglês; MITHUN, 2008 para algumas línguas ameríndias; IWASAKI, 2000 para japonês; LOMBARDI VALLAURI, 2004 para italiano e alemão; VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014 para holandês; cf. CHAFE, 1984 que já falava de “adverbiais livres”, p. 438). Dentre as várias perspectivas nas quais a noção de insubordinação é analisada na literatura, emerge claramente o envolvimento de fatores pragmáticos no uso que é feito de diferentes tipos de subordinadas a nível interlinguístico, e é interessante observar que o uso insubordinado de orações adverbiais constitui aproximadamente 30% das orações rastreadas no nosso *corpus*, isto é, é o segundo uso mais frequente no *minicorpus* de PB. As orações adverbiais ocorrem isoladamente no enunciado, sem que a oração principal esteja expressa,<sup>16</sup> ou sem que esteja expressa no mesmo enunciado, como se mostra nos exemplos em seguida:

[21]

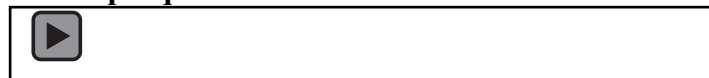
\*REN: a gente vai ter que levar esse então //COM=

\*FLA: cê nã gosta não //COM=

\*REN: não /=CMM= gosto //CMM=

\*FLA: vê o [/1]=SCA= a /=SCA= &valid [/1]=EMP= &he /=TMT=  
fabricação dele //COM=

\*FLA: porque arroz novo é ruim //COM=



<sup>14</sup> “[O] uso independente convencionalizado de algo que, em aparência, parece ser uma oração dependente.”

<sup>15</sup> Observe-se, ainda, que de um ponto de vista semântico as orações adverbiais, em contraste, por exemplo, com as completivas, apresentam um menor grau de integração com a oração principal, e prestam-se à codificação de eventos semanticamente autônomos (GIVÓN, 1980, 1985; LEHMANN, 1988). De forma parecida com os casos observados para as adverbiais realizadas em TOP/COM e em combinações de CMM, parece existir certo grau de harmonia entre a dimensão semântica e aquela pragmática, no uso destas orações na fala.

<sup>16</sup> Lembre-se que Evans (2007, p. 473) especifica sua definição de oração insubordinada indicando como requisito a elipse da oração principal. Não se trata, porém, de elipse da principal, que pode até aparecer às vezes noutro enunciado, mas realmente de uso “desgarrado” de orações formalmente adverbiais (Cf. a noção de *desgarramento* em DECAT, 1999).

O último enunciado reportado em [21] corresponde, formalmente, a uma oração de tipo causal introduzida pela conjunção *porque*. Contudo, o enunciado anterior não pode ser considerado como sua oração principal, pois corresponde a um ato de fala (ilocução) autônomo. Neste caso o *porque* é utilizado como “conector pragmático” entre os dois enunciados: não há relação semântica de causalidade entre as orações *vê a fabricação dele* e *porque arroz novo é ruim*, mas a falante está cumprindo a ação de reforçar a legitimidade de sua ordem acrescentando uma informação.<sup>17</sup> Na posição inicial de enunciado, de fato, várias conjunções coordenativas e subordinativas adquirem funções pragmáticas (tomada de turno, ligação entre enunciados, etc., cf. RASO; MITTMAN, 2012, p. 209-210; CRESTI, 2005, p. 242-243). A oração aparentemente causal corresponde, então, a uma unidade pragmaticamente autônoma, como se pode entender escutando-a isoladamente.

[22]

\*LUZ: ã é importante ã passar em primeiro lugar // =COM=

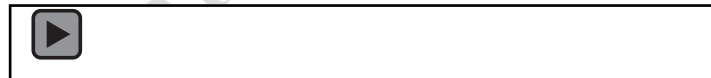
\*LUZ: é importante passar /=COB= isso /=DCT= pruma pessoa nova igual a ela /=COB=que tá começando a + =EMP=

\*LUZ: é legal ter isso no currículo // =COM=

**\*LUZ: igual ele falou com ela // =COM=**

\*LUZ: falou /=INT= não uai // =COM\_r=<sup>18</sup>

\*LUZ: se ocê passar em segundo lugar /=TOP\_r= cê tá muito bem /=COM\_r= ué // =PHA\_r=



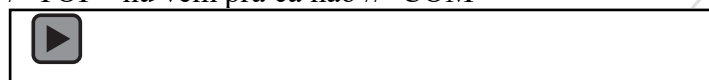
Em [22] no quarto enunciado aparece uma oração formalmente modal (*igual ele falou com ela*) e, mais uma vez, prosodicamente interpretável como ato de fala autônomo, como resulta mais evidente ainda escutando-o isoladamente. É reconhecível uma relação com, por exemplo, o enunciado anterior, mas os dois representam duas ações distintas, apesar de, a nível global, serem ligadas na coesão do discurso do falante.

<sup>17</sup> Sweetser (1990, p. 77) define este uso da oração causal como “causa indireta”, que corresponde a uma mudança da relação causal para o plano ou epistêmico (o falante quer justificar uma crença expressa numa oração anterior), ou pragmático (o falante querendo dar conta de um ato de fala que acaba de cumprir).

<sup>18</sup> [TAG]\_r indica que a unidade informacional faz parte de um discurso reportado, neste trecho havendo um COM, um TOP, outro COM e um PHA com esta característica.

[23]

\*OSV: hhh agora /=PHA= &e [1]=EMP= essa conta da caixa um /=TOP=  
 Geraldo falou comigo que o [1]=SCA= o [1]=EMP= o camarada tava aqui  
 antes /=TOP= <tava><sup>19</sup> numa [2]=EMP= não /=PHA= &he /=TMT= pra ir  
 direto no [1]=i-TOP=<sup>20</sup> no [1]=EMP= no [1]=EMP= como é que chama  
 /=PAR= no [1]=EMP= no banco lá /=TOP= é direto lá //COM=  
 \*CAR: <hum hum> //COM=  
 \*OSV: e é +=EMP=  
 \*OSV: quando veio pra cá não //COM=  
 \*OSV: essa +=EMP=  
 \*OSV: **apesar que essa última veio pra cá //COM=**  
 \*OSV: mas ele falou que geralmente /=TOP= a [1]=EMP= a do caixa um  
 /=TOP= nũ vem pra cá não //COM=



Em [23] a oração formalmente concessiva introduzida por *apesar que* no penúltimo enunciado também constitui um ato de fala autônomo. Como é evidente pela prosódia, a oração concessiva é realizada com aquela que Chafe (1984, 1988) definiria uma “*period intonation*”, isto é, uma entonação conclusiva. É possível reconhecer que *apesar* de a última conta do caixa um ter chegado no próprio lugar, a conta costuma ser paga diretamente no banco, ou seja, pode-se reconstruir uma relação sintática e semântica entre as duas orações *apesar que essa última veio pra cá* e *a do caixa um nũ vem não* como de oração adverbial de valor concessivo e oração principal, mas no discurso do falante estas são realizadas como unidades distintas que estão veiculando dois diferentes atos de fala.

Os trechos em [24] e [25] abaixo oferecem alguns exemplos interessantes de prótases “in subordinadas”, enquanto que em [25], além disso, pode se observar o contraste com outras prótases realizadas no padrão TOP/COM junto com as respectivas apódoses. Em [24], as prótases são utilizadas pela falante para colocar situações possíveis no jogo de mímica do qual está explicando as regras. No enunciado que segue a segunda prótase (*se é um rato*) pode se observar, apesar de ele ser interrompido, que a falante realiza a apódose, contudo, mais uma vez, como enunciado autônomo, e de uma forma (prosódica também) nitidamente diferente daquela em que prótase e apódose são

<sup>19</sup> Os parêntese angulares indicam sobreposições (palavras pronunciadas simultaneamente com outro falante), neste caso entre *tava* (\*OSV) e *hum hum* (\*CAR).

<sup>20</sup> i-[TAG] indica unidade interrompida, neste caso um TOP no meio do qual o falante insere o PAR.

realizadas, na mesma ordem, no padrão TOP/COM. No trecho em [25], ao lado de três períodos hipotéticos realizados por meio deste padrão informacional (primeiro, sexto, oitavo enunciado), há um enunciado constituído apenas por uma prótase, neste caso sem que possa ser individualizada sua apódose nos enunciados contíguos. A prótase insubordinada *se for só dela* corresponde ao ato de fala com o qual \*CAR reforça a informação para seu interlocutor.

[24]

\*BRU: não /=COB= mas cê pode [/2]=SCA= tipo /=INT= &he /=TMT= cê pode fazer assim //COM=

\*BRU: &he /=TMT= <“gato”> /=COM= por exemplo //PAR=

\*CEL: cê pode ter feito <LIBRAS> //COM=

\*LUC: cê pode <hhh> +=EMP=

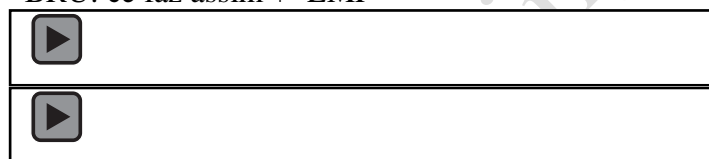
\*BRU: <hhh> não //COM=

\*BRU: <tipo /=INT= se é um [/1]=SCA= um gato> //COM=

\*BRU: gato /=TOP= faz isso /=CMM= nada //CMM=

\*BRU: se é um rato //COM=

\*BRU: cê faz assim +=EMP=



[25]

\*CAR: se a situação dela /=SCA= for /=SCA= pior do que as dos vizinhos /=TOP= aí nós vamo pedir pra /=SCA= tirar ela de lá e pôr no aluguel //COM=

\*CAR: que a gente /=SCA= derruba o barraco dela e +=EMP=

\*OSV: hum hum //COM=

\*OSV: se for <só o dela / então> +=EMP=

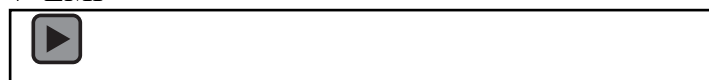
\*CAR: <então era melhor até> sair as casa /=SCA= do Minha Casa Minha Vida //COM=

\*OSV: mas se for só o dela então /=TOP= eu tiro //COM=

\*CAR: se for só o dela //COM=

\*CAR: se for mais gente numa situação pior /=TOP= nós vamo ter que pensar //COM=

\*CAR: porque quanto mais pessoas /=CMM= mais /=SCA= a demanda +=EMP=



A insubordinação que as orações adverbiais apresentam na fala diz respeito, portanto, ao nível pragmático: graças a determinados perfis prosódicos elas podem veicular ilocuções, ou seja, tornar-se pragmaticamente independentes, de forma livre com relação a seu status sintático de orações dependentes.

No estudo da fala, portanto, a análise sintática tem que ser feita tendo em consideração, em primeiro lugar, a forma como os falantes constroem o discurso e a interação, ou seja, como organizam pragmaticamente, via prosódia, o conteúdo locutivo.

#### 4. Conclusões

Através desta primeira incursão na sintaxe da fala espontânea do PB, quisemos verificar, mais uma vez, o fato de esta diamesia não poder ser analisada com base nas categorias tradicionalmente aplicadas à análise sintática da língua escrita.

Em primeiro lugar, observou-se uma forte redução dos *types* seja dos complementadores seja das conjunções subordinativas com valor adverbial, sendo que um restrito número de conjunções possui uma representação quantitativamente significativa no *corpus* utilizado.

Contudo, a característica mais interessante no que diz respeito à sintaxe da fala em oposição àquela da escrita é representada por sua orientação pragmática (veiculada pela prosódia), que faz necessário analisar a interface do nível sintático com o nível da articulação do fluxo da fala em unidades informacionais, e em enunciados. No que diz respeito à configuração linearizada das subordinadas, isto é, às subordinadas próprias, observou-se uma forte oposição entre completivas e adverbiais: nas primeiras, a linearização representa a configuração preferencial (cerca de 83% sobre o total das completivas), sendo que nas segundas a realização linearizada é a menos frequente (cerca de 6%). Este fato sugere que existe iconicidade entre o grau de integração semântica da subordinada com sua principal e a forma como são realizadas pelos falantes: as orações adverbiais, que prototipicamente descrevem eventos concebidos como autônomos do evento da oração principal, são na grande maioria dos casos utilizadas em unidades informacionais próprias, com funções próprias. Já as completivas, protótipo de subordinadas integradas semanticamente, dificilmente são realizadas em configurações que as separem de suas orações principais.

A análise das ocorrências de completivas e adverbiais levou a observar a prevalência de dois padrões informacionais: em primeiro lugar, o padrão TOP/COM (que

é também o principal padrão informacional da fala), mais algumas variantes textualmente mais complexas dele, seguido por padrões de unidades ilocucionárias, ou seja, CMM e COB.

No padrão TOP/COM, as relações de dependência sintática tradicionais vêm sendo reorganizadas de forma diferente nas completivas e nas adverbiais: nas completivas, mostramos como, no nível pragmático, é a oração dependente que assume o papel crucial para a fala, carregando a ilocução, enquanto a oração sintaticamente principal, realizada na unidade de TOP, torna-se informação de *background* para a definição do campo de aplicação da força ilocucionária. No caso das adverbiais, no entanto, é a oração subordinada a ser realizada na unidade de TOP (com a exceção das causais, que semanticamente não fornecem informação de *background*), havendo assim certo grau de harmonia entre o valor semântico delas e a função informacional da unidade que as hospeda, isto é, entre a definição de um domínio temporal ou condicional e a definição do campo de aplicação da ilocução.

Nas combinações de CMM e COB, pelo contrário, tanto a principal como a subordinada são realizadas em unidades ilocucionárias, ou seja, elas têm o mesmo grau de relevância pragmática, independentemente de seu grau de dependência sintática. Nas combinações de CMM, os valores adverbiais condicional e causal são harmônicos com o tipo de relação lógica que existe entre tais unidades ilocucionárias.

Já nas sequências de COB, completivas e adverbiais representam acréscimos que os falantes realizam no processo de construir seus turnos. Neste padrão, principal e subordinadas são justapostas por meio de unidades igualmente ilocucionárias, e a nível pragmático desempenham a mesma função de construção do discurso, independentemente de suas aparentes relações sintáticas.

No que diz respeito à subordinação adverbial, ainda, observou-se que o segundo uso mais frequente destas orações (cerca de 30%), no *corpus* utilizado, é o uso insubordinado: as adverbiais isoladas, ainda que sintaticamente não independentes, formam enunciados autônomos do ponto de vista pragmático, em virtude de específicos perfis prosódicos. Quando as orações principais são identificáveis ou reconstruíveis em enunciados contíguos, porém, a forma como são realizadas prosodicamente mostra que a relação que existe entre elas é, em primeiro lugar, uma relação de tipo pragmático, pois principal e subordinada estão veiculando atos de fala diferentes e autônomos, ainda que coesos na economia global do discurso. Acreditamos que este uso insubordinado das orações adverbiais esteja também relacionado com a autonomia semântica que elas,



prototipicamente, veiculam. Do ponto de vista sintático e semântico, de fato, a omissão da adverbial não implica na agramaticalidade da oração principal, pois ambas as orações codificam eventos autônomos. Especularmente, também no nível pragmático, através da prosódia, as adverbiais aparentam manter sua autonomia, sem que a ausência da oração principal (no mesmo enunciado, ou no discurso) impeça que elas cumpram sua função comunicativa.

A estruturação da fala, portanto, é fortemente governada pela dimensão pragmática, que organiza a construção dos enunciados e dos significados no discurso, através de meios primeiramente prosódicos. Acreditamos que estes fatores não podem ser desconsiderados para a análise da sintaxe nesta diáspora.

### Agradecimentos

Esta pesquisa faz parte de projeto de pós-doutorado financiado pela FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, à qual agradeço.

### Referências bibliográficas

AUSTIN, L.J. **How to Do Things with Words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BICK, E. **The parsing system “PALAVRAS”**: automatic grammatical analysis of Portuguese in a constraint grammar framework. Aarhus: Aarhus University Press, 2000. 412 p. Disponível em: <<http://beta.visl.sdu.dk/~eckhard/pdf/PLP20-amilo.ps.pdf>>.

BLANCHE-BENVENISTE, C. **Approches de la langue parlée en français**. Paris: Ophrys, 2000.

BLANCHE-BENVENISTE, C. Le recouvrement de la syntaxe et de la macro-syntaxe. In: SCARANO, A. (Ed.). **Macro-syntaxe et pragmatique**: l'analyse linguistique de l'oral. Roma: Bulzoni, 2003. p. 53-76.

BOSSAGLIA, G. Interface entre sintaxe e articulação informacional na fala espontânea: uma comparação *corpus-based* entre português e italiano. **Caligrama**, v. 19, n. 2, 2014. No prelo.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view in subject and topic. In: LI, C. N. (Ed.). **Subjects and Topics**. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55.

CHAFE, W. How people use adverbial clauses. **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1984. p. 437-449.

CHAFE, W. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam-Philadelphia: John

Benjamins Publishing Company. 1988. p. 1-27. **crossref**  
<http://dx.doi.org/10.1075/tsl.18.03cha>

CHAFE, W.; DANIELEWICZ, J. Properties of written and spoken language. In: HOROWITZ, R.; SAMUELS, S.J. (Eds.). **Comprehending Oral and Written Language**. New York: Academic Press, 1987. p. 83-113.

COUPER-KUHLEN, E. Intonation and clause combining in discourse: the case of Because. **Pragmatics**, 6, 3, 1996. p. 389-426.

CRESTI, E. Speech act units and informational units. **Speech Acts and Linguistic Research**, 1994. p. 89-107.

CRESTI, E. **Corpus di Italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.

CRESTI, E. Illocution et modalité dans le comment et le topic. In: SCARANO, A. (Ed.). **Macrosyntaxe et pragmatique: L'analyse linguistique de l'oral**. Roma: Bulzoni, 2003. p. 133-182.

CRESTI, E. Notes on lexical strategy, structural strategies and surface clause indexes in the C-ORAL-ROM spoken corpora. In: CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (Ed.), **C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for spoken romance languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 209-256. **crossref**  
<http://dx.doi.org/10.1075/scl.15>

CRESTI, E. Syntactic properties of spontaneous speech in the Language into Act Theory: data on Italian complements and relative clauses. In: RASO, T; MELLO, H. (Ed.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 365-410. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/scl.61.13cre>

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. Informational Patterning Theory and the corpus-based description of spoken language. The compositionality issue in the topic-comment pattern. In MONEGLIA, M.; PANUNZI, A. (Ed.). **Bootstrapping Information from Corpora in a Cross-Linguistic Perspective**. Firenze: Firenze University Press, 2010. p. 13-46.

CRESTI, E.; RASO, T. **Text annotation of information units through IPIC**. 2012. Disponível em: <http://lablita.dit.unifi.it/ipic>

CRISTOFARO, S. **Subordination**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DECAT, M.B.N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. **Scripta (Linguística e Filologia)**, v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem 1999, p. 23-38.

DU BOIS, J.W. et al. **Santa Barbara corpus of spoken American English**. Parts 1-4. Philadelphia: Linguistic Data Consortium. 2000-2005.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (ed.) **Finiteness: Theoretical and Empirical Foundations**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FORD, C.; THOMPSON, S. A. Conditionals in discourse. In: TRAUGOTT, E. et al. (Ed.). **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press. 1986. p. 353-372. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511753466.019>

FORD, C.; FOX, B. A.; THOMPSON, S. A. Constituency and the grammar of turn increments. In: FORD, C.; FOX, B.A., THOMPSON, S.A. (Ed.), **The Language of Turn and Sequence**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 14-38.

GIVÓN, T. The binding hierarchy and the typology of complement. **Studies in Language**, 4, 1980. p. 333- 377. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/sl.4.3.03giv>

GIVÓN, T. Iconicity, Isomorphism, and Non-Arbitrary Coding in Syntax. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1988. p. 187-219.

GIVÓN, T. **Syntax: A functional-typological introduction**. Volume II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GREGORI, L.; PANUNZI, A. DB-IPIC: an XML database for the representation of information structure in spoken language. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Ed.). **Pragmatics and Prosody**. Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 133-149.

GREGORI, L.; PANUNZI, A. DB-IPIC: an XML database for informational patterning analysis. In: MELLO, H.; PETTORINO, M.; RASO, T. (Ed.). **Proceedings of the VII<sup>th</sup> GSCP International Conference**. Speech and Corpora. Firenze: Firenze University Press, 2012. p.121-127.

HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and Written language**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HART, J. T'; COLLIER, R.; COHEN, A. **A perceptual study on intonation: an experimental approach to speech melody**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511627743>

HENGEVELD, K. "Adverbial clauses in the languages of Europe". In: VAN DER AUWERA, J. (ed), **Adverbial constructions in the languages of Europe** (Empirical approaches to language typology/Eurotyp 20-3). Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1515/9783110802610.335>

KORTMANN, B. **Adverbial subordination: A typology and history of adverbial subordinators based on European languages**. Berlin: Walter de Gruyter, 1997. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1515/9783110812428>

KRIFKA, M. Basic notions of Information Structure. **Interdisciplinary Studies on Information Structure 6**: The notions of Information Structure. 2007. p. 13-55. <http://edoc.hu-berlin.de/oa/bookchapters/re08JIHtgchw/PDF/23dHYFKxbQaXY.pdf>

LEHMANN, C. Towards a Typology of Clause Linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam-Philadelphia: John

Benjamins Publishing Company. 1988. p. 181-225. **crossref**  
<http://dx.doi.org/10.1075/tsl.18.09leh>

LOMBARDI VALLAURI, E. Grammaticalization of Syntactic Incompleteness: Free Conditionals in Italian and Other Languages. **SKY Journal of Linguistics**, 17, 2004. p. 189-215.

LONGACRE, R. E.; THOMPSON, S. A. Adverbial Clauses. In: SHOPEN, T. (Ed), **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 171-234.

MARTIN, PH. WinPitch Corpus: A text to Speech Alignment Tool for Multimodal Corpora. **Proceedings of the 4th International Conference on Language Resources Evaluation**. Lisbon, 26-28 may 2004, 2004. p. 537-540. Disponível em <http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2004/pdf/780.pdf>

MELLO, H. et al. Transcrição e segmentação do *corpus* C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **C-ORAL-BRASIL I**. Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 125-176.

MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Ed.). **Pragmatics and Prosody**. Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press, 2011.

MILLER, J.; WEINERT, R. **Spontaneous Spoken Language**. Oxford-New York: Clarendon Press, 1998.

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. **Language**, v. 84, n.1, 2008. p. 69-119. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1353/lan.2008.0054>

MITTMANN, M. M. **O C-ORAL-BRASIL e o estudo da fala informal. Um novo olhar sobre o Tópico no Português do Brasil**. 2012. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.

MITTMANN, M. M.; RASO, T. The C-ORAL-BRASIL informationally tagged minicorpus. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Ed.). **Pragmatics and Prosody**. Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 151-183.

MONEGLIA, M. The C-ORAL-ROM resource. In: CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (Org.). **C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for spoken Romance languages**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 1-70. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/scl.15.03mon>

MONEGLIA, M.; CRESTI, E. C-ORAL-ROM: Prosodic boundaries for spontaneous speech analysis. In: KAWAGUCHI, Y.; ZAIMA, S.; TAKAGAKI, T. (Ed.). **Spoken Language Corpus and Linguistics Informatics**. Amsterdam: John Benjamins, 2006. **crossref** 89-114. <http://dx.doi.org/10.1075/ubli.5.07mon>

MONEGLIA, M.; RASO, T. Notes on Language into Act Theory (L-Act). In: RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 468-494.

PANUNZI, A.; MITTMANN, M. M. The IPIC resource and a cross-linguistic analysis of information structure in Italian and Brazilian Portuguese. In: RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 129-150. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/scl.61.05pan>

RAMOS, A.; CAVALCANTE, F. A criação de um minicorpus anotado prosódica e informacionalmente a partir do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*. Em preparação.

RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I**. Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 91-123.

RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **C-ORAL-BRASIL I**. Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RASO, T.; MITTMANN, M.M. As medidas da fala. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). **C-ORAL-BRASIL I**. Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p.177-220.

SCARANO, A. (Ed.). **Macro-syntaxe et pragmatique: l'analyse linguistique de l'oral**. Roma: Bulzoni, 2003.

STIRLING, L. Isolated *if*-Clauses in Australian English. In: COLLINS, P.; LEE, D. (Ed.). **The Clause in English: In Honour of Rodney Huddleston**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1998. p. 273-294.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511620904>

VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and Semantic-Pragmatic values. **Journal of Pragmatics**, 60, 2014. p. 226-250. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2013.08.022>

VOGHERA, M. **Sintassi e Intonazione nell'Italiano Parlato**. Bologna: Il Mulino, 1992.

Artigo recebido em: 28.02.2015

Artigo aprovado em: 01.06.2015